

SPQR

UMA HISTÓRIA DA ROMA ANTIGA

MARY
BEARD

TRADUÇÃO

Pedro Carvalho e Guerra e Rita Carvalho e Guerra

CRÍTICA

ÍNDICE

<i>Mapas</i>	9
Prólogo – História de Roma	17
1 O melhor momento de Cícero	23
2 No início	55
3 Reis de Roma	91
4 O maior salto em frente de Roma	129
5 Um mundo mais vasto	167
6 Nova política	205
7 Do Império aos imperadores	249
8 A frente interna	293
9 As transformações de Augusto	331
10 Catorze imperadores	379
11 Os que têm e os que não têm	425
12 Roma fora de Roma	463
Epílogo – O primeiro milénio romano	513
Bibliografia	523
Cronologia	547
Agradecimentos	557
Lista de ilustrações	559
Índice remissivo	569

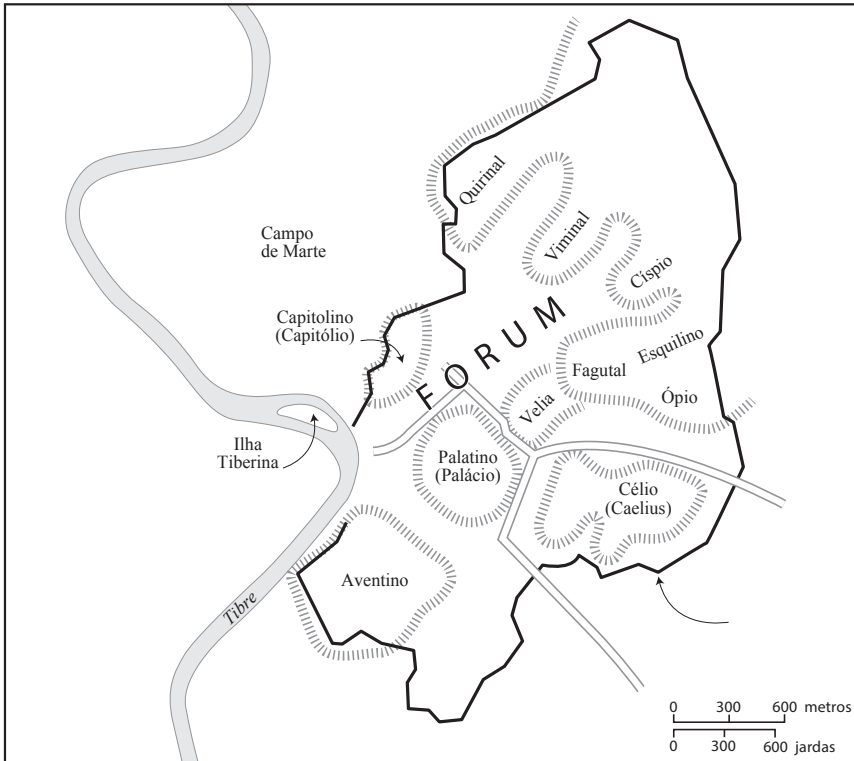
MAPAS

1 A Roma dos primórdios e os seus vizinhos	10
2 O local de Roma	11
3 Itália romana	12
4 Cidade de Roma no período imperial	13
5 O mundo romano	14-15

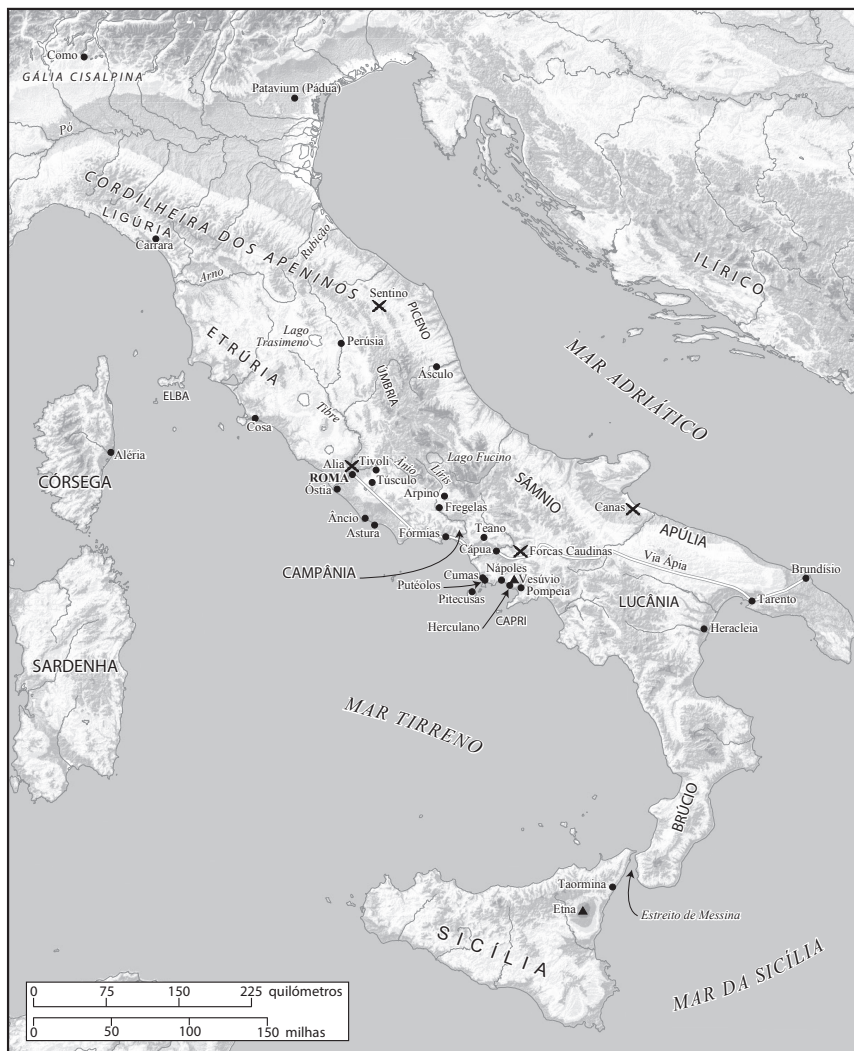
1. A Roma dos primórdios e os seus vizinhos



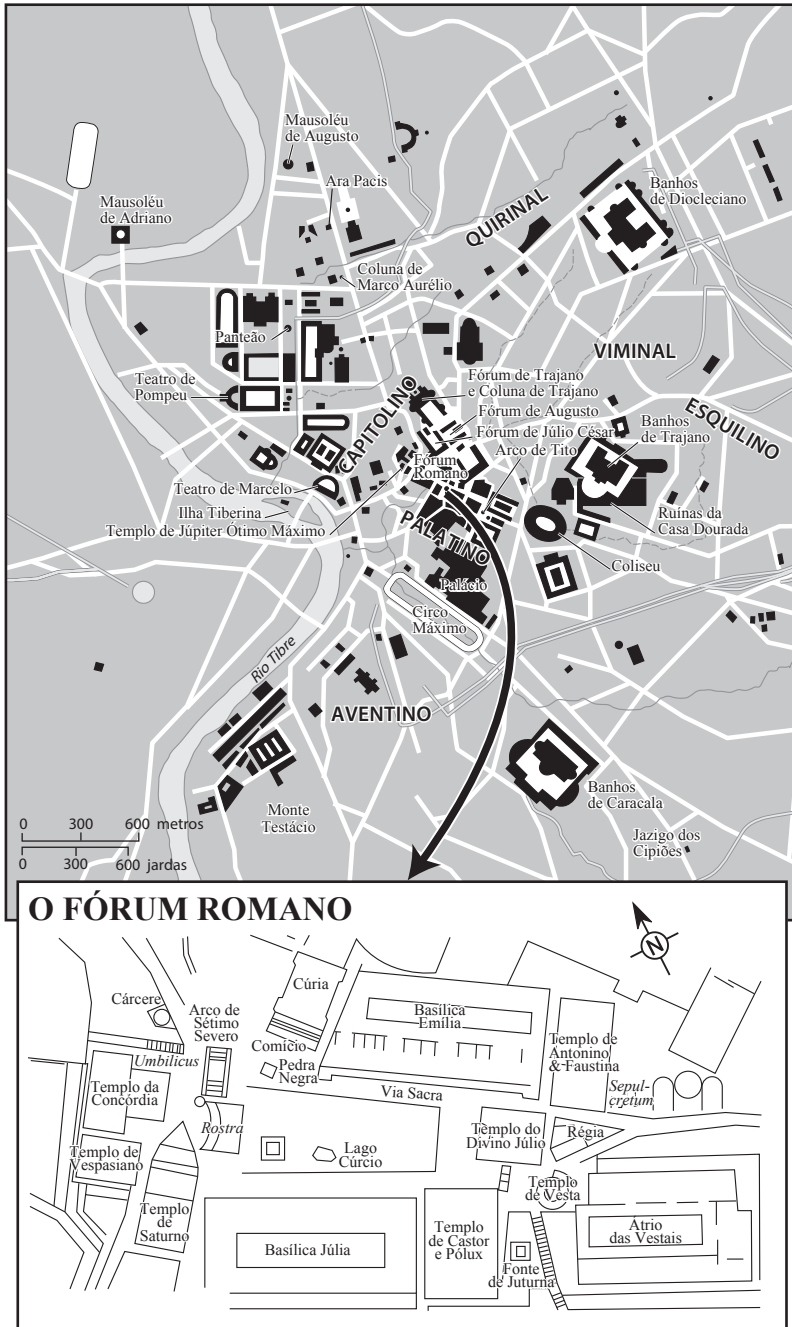
2. O local de Roma



3. Itália romana



4. Cidade de Roma no período imperial



5. O mundo de Roma





PRÓLOGO

HISTÓRIA DE ROMA

A Roma Antiga é importante. Ignorar os romanos não é simplesmente virar a cara ao passado distante. Roma ainda ajuda a definir a maneira como compreendemos o nosso mundo e como pensamos acerca de nós mesmos, das teorias mais complexas à comédia mais simples. Após 2000 anos, continua a escorar a cultura e a política ocidentais, o que escrevemos e como vemos o mundo e o lugar que nele ocupamos.

O assassinio de Júlio César no que os romanos chamavam os Idos de Março no ano de 44 a.C. tem fornecido o molde e a justificação, por vezes estranha, para a morte de tiranos desde então. O esboço do território imperial romano fundamenta a geografia política da Europa moderna e para lá das suas fronteiras. A principal razão para Londres ser a capital do Reino Unido reside no facto de os romanos terem feito da cidade a capital da sua província da Britânia – um local perigoso que se encontrava, a seu ver, para lá do Grande Oceano que rodeava o mundo civilizado. Roma transmitiu-nos as ideias de liberdade e cidadania, bem como de exploração imperial, conjugadas com o vocabulário da política moderna, dos «senadores» aos «ditadores». Emprestou-nos as suas frases feitas, desde «cuidado com os presentes dos gregos» a «pão e circo» e «cantando e rindo enquanto Roma arde» – até mesmo «onde há vida, há esperança». E desencadeou riso, espanto e horror em medidas mais ou menos iguais. Os gladiadores são um sucesso agora, como sempre foram. O grande poema épico de Virgílio acerca da fundação de Roma,

a *Eneida*, pode muito bem ter encontrado mais leitores no século xx d.C. do que no século I d.C.

No entanto, a história da Roma Antiga mudou dramaticamente ao longo dos últimos cinquenta anos, e ainda mais ao longo dos quase 250 anos desde que Edward Gibbon escreveu *Declínio e Queda do Império Romano*, a sua idiossincrática experiência histórica que deu início ao estudo moderno da história romana no mundo anglófono. Tal deveu-se, em parte, às novas maneiras de olhar para indícios antigos e às diferentes questões que escolhemos colocar a esses mesmos indícios. É um mito perigoso esse de que somos melhores historiadores do que os nossos antecessores. Não somos. Mas abordamos a história romana com prioridades diferentes – desde a identidade de género ao abastecimento de alimentos –, o que faz com que o passado longínquo fale connosco num novo idioma.

Também houve um extraordinário leque de novas descobertas – no solo, debaixo de água, até mesmo perdidas em bibliotecas – que nos apresentam revelações da Antiguidade e que nos dizem mais coisas acerca da Roma Antiga do que fora possível a qualquer historiador moderno saber até aqui. Dispomos agora do manuscrito de um ensaio tocante, da autoria de um médico romano, cujos bens mais valiosos tinham acabado de desaparecer em chamas, e que só em 2005 voltou a ver a luz do dia, num mosteiro grego. No Mediterrâneo, encontraram-se destroços de navios de carga que nunca chegaram a Roma, com esculturas, mobiliário e vidro provenientes de terras distantes, destinados às casas dos ricos, bem como o vinho e o azeite que eram os bens essenciais de toda a gente. Enquanto escrevo, cientistas arqueológicos examinam cuidadosamente amostras extraídas da calota polar da Gronelândia em busca de vestígios, mesmo ali, da poluição produzida pela indústria romana. Outros examinam ao microscópio os excrementos humanos descobertos numa fossa em Herculano, no sul de Itália, procurando determinar a composição da dieta dos romanos comuns tal como entrava – e saía – dos seus tratos digestivos. Muitos ovos e ouriços-do-mar são parte da resposta.

A história romana está constantemente a ser reescrita, e sempre assim foi; de certo modo, sabemos mais sobre a Roma Antiga do que

os próprios romanos. A história romana, por outras palavras, é um trabalho contínuo. Este livro é o meu contributo para esse projeto maior; fornece a minha versão acerca da sua importância. *SPQR* retira o seu título de uma outra frase feita romana, *Senatus PopulusQue Romanus*, «O Senado e o Povo de Roma». É impelido por uma curiosidade pessoal acerca da história romana, pela convicção de que ainda vale a pena entrar em diálogo com a Roma Antiga e pela questão de como uma pequena aldeia, minúscula e banal, no centro de Itália se transformou numa potência tão dominante, que abarcou um imenso território em três continentes.

Este é um livro acerca de como Roma cresceu e manteve a sua posição durante tanto tempo, não acerca de como entrou em declínio e caiu, se é que, na verdade, isso aconteceu no sentido em que Gibbon o imaginou. As histórias de Roma podem apresentar uma conclusão adequada de muitas maneiras; umas escolhem a conversão do imperador Constantino ao Cristianismo no seu leito de morte, em 337 d.C., ou a pilhagem da cidade por Alarico e os seus visigodos, em 410 d.C. A minha termina com um momento culminante, em 212 d.C., quando o imperador Caracala decidiu tornar todos os habitantes livres do Império Romano cidadãos romanos plenos, erodindo a diferença entre conquistador e conquistado e concluindo um processo de expansão de direitos e privilégios da cidadania romana que tinha tido o seu início quase mil anos antes.

SPQR não é, contudo, um simples trabalho de admiração. Existem muitas coisas no mundo clássico – tanto no mundo romano como no mundo grego – capazes de despertar-nos o interesse e a atenção. O nosso mundo seria imensuravelmente mais pobre, se não continuássemos a interagir com os deles. Mas a admiração é uma coisa diferente. Sendo, sem qualquer problema, filha do meu tempo, ofendo-me quando ouço falar dos «grandes» conquistadores romanos, ou até mesmo do «grande» império de Roma. Tentei aprender a ver as coisas também do outro lado.

Com efeito, *SPQR* confronta alguns dos mitos e meias-verdades acerca de Roma com os quais eu, como tantas outras pessoas, cresci. Os romanos não arrancaram de imediato com um grandioso plano de

conquista mundial. Embora, com o passar do tempo, tenham vindo a apresentar o seu império em termos de um destino manifesto, as motivações que se encontravam, originalmente, por trás da sua expansão militar pelo mundo mediterrânico, e para além dele, permanecem um dos maiores mistérios da história. Ao construir o seu império, os romanos não espezinharam brutalmente povos inocentes, dedicados aos seus afazeres, em serena harmonia, até as legiões surgirem no horizonte. A vitória romana foi, indubitavelmente, violenta. A conquista da Gália por Júlio César foi – não injustamente – comparada a um genocídio e foi criticada pelos romanos da época nesses mesmos termos. Contudo, Roma não se expandiu para um mundo de comunidades que viviam em paz umas com as outras, mas para um mundo de violência endémica, bases de poder rivais apoiadas por forças militares (em relação às quais não existia verdadeiramente uma alternativa), e mini-impérios. A maioria dos inimigos de Roma era tão militarista quanto os romanos; mas, por razões que tentarei explicar, não venceram.

Roma não era apenas o arruaceiro irmão mais novo da Grécia clássica, comprometido com a engenharia, a eficiência militar e o absolutismo, enquanto os gregos preferiam a investigação intelectual, o teatro e a democracia. Convinha a alguns romanos fingirem que era esse o caso e convém a muitos historiadores modernos apresentar o mundo clássico em termos de uma simples dicotomia entre duas culturas muito diferentes. Isso é, como veremos, enganador para ambos os lados. As cidades-Estado gregas eram tão aptas a vencer batalhas quanto os romanos e a maioria pouco teve que ver com a breve experiência democrática ateniense. Longe de serem defensores irrefletidos do poder imperial, vários escritores romanos encontram-se, desde sempre, entre os mais acérrimos críticos do imperialismo. «Criam a desolação e chamam-lhe paz» era uma frase que resumia, frequentemente, as consequências da conquista militar. Foi escrita no século II d.C. pelo historiador romano Tácito, referindo-se ao poder romano na Britânia.

A história de Roma é um grande desafio. Não existe uma história una de Roma, em especial a partir do momento em que o mundo romano se expande muito além de Itália. A história de Roma não é a mesma da história da Britânia romana ou da África romana.

Centrar-me-ei, acima de tudo, na cidade de Roma e na Itália romana, mas também terei o cuidado de olhar para Roma a partir do exterior, do ponto de vista daqueles que viviam nos territórios mais vastos do império, como soldados, rebeldes ou colaboradores ambiciosos. Além disso é necessário escrever tipos de história muito diferentes para períodos diferentes. Para a história mais antiga de Roma e para a história da sua expansão no século IV a.C., enquanto se transformava de uma pequena aldeia na maior potência da Península Itálica, não existem, de todo, relatos escritos por romanos contemporâneos. A história tem de ser um corajoso trabalho de reconstrução, o qual deve esmiuçar os indícios independentes – um simples fragmento de olaria ou algumas letras inscritas em pedra – tanto quanto possível. Apenas três séculos mais tarde, o problema é exatamente o oposto: como fazer sentido da enorme quantidade de indícios contemporâneos concorrentes, que ameaçam invadir qualquer narrativa clara.

A história romana também exige um tipo de imaginação particular. De certo modo, explorar a Roma Antiga a partir do século XXI é como andar na corda bamba, um ato de equilíbrio muito cuidadoso. Se olharmos para baixo, para um dos lados, tudo nos parecerá tranquilizadamente familiar: existem conversas correntes a que quase nos juntamos, acerca da natureza da liberdade ou de problemas sexuais; existem edifícios e monumentos que reconhecemos e uma vida familiar vivida de um modo que compreendemos, com todos os seus adolescentes problemáticos; e há piadas que «percebemos». Mas se olharmos para o outro lado, parece-nos um território completamente estranho. E não me refiro apenas à escravatura, à sujidade (na Roma Antiga, não havia propriamente algo que se parecesse com a recolha de lixo), ao massacre humano na arena e à morte por doenças cuja cura temos agora como garantida; mas também aos bebés recém-nascidos que eram atirados para as lixeiras, às noivas-meninas e aos vistosos sacerdotes eunucos.

Este é um mundo que começaremos a explorar a partir de um momento particular da história de Roma, sobre o qual os próprios romanos nunca deixaram de se debruçar e em relação ao qual os escritores modernos, de historiadores a dramaturgos, nunca deixaram de debater. Oferece a melhor introdução a algumas das personagens

Mary Beard

fundamentais da Roma Antiga, à riqueza dos debates dos romanos quanto ao seu próprio passado e ao modo como continuamos a recuperar e a tentar entender o seu sentido – e ao porquê de a história de Roma, do seu Senado e do seu Povo ainda serem importantes.